

A Chama do amor vivo

Cancro da mama

A minha experiência

FICHA TÉCNICA

AUTORA: Berta Almeida

REVISÃO do TEXTO: Ana Afonso Gonçalves e Sónia Remondes Costa

EDIÇÃO:

TIRAGEM: exemplares

DEPÓSITO LEGAL:

EXECUÇÃO GRÁFICA:

PREFÁCIO

O cancro da mama é uma experiência de doença , enquanto trajetória sofrida de medo, incerteza, ameaça da vida, tratamentos dolorosos, deslocções e internamentos hospitalares, num processo mais ou menos longo que acarreta diferentes perdas, na imagem, rotinas e papéis sociais desempenhados. Acrescentar a tudo isto, este tipo de cancro, especificamente, por afetar o órgão simbólico da sensualidade, sexualidade e maternidade, soma ainda mais danos físicos, psicológicos, existenciais e sociais, comparativamente com outros tipos de cancro, à experiência das mulheres que o vivenciam.

Felizmente, face ao avanço da medicina, têm vindo a aumentar em todo o mundo ocidental o número de mulheres que lhe sobrevivem, e com menos mutilações, ou seja, conservando a mama. Crescendo igualmente, um pouco por toda a parte, os testemunhos editados em livro de doentes que venceram a luta contra a doença. Estes livros reconhecidos como de *auto-ajuda*, destinam-se a ajudar mulheres que iniciaram o percurso de doença, no entanto, constituem também uma oportunidade de *arrumar* psiquicamente a experiência da pessoa que a transcreve, pois ao reescrever a sua história, é atribuído um sentido e significado ao acontecimento doença na sua vida.

O testemunho da experiência de cancro da mama aqui prefaciado, tem como inovação, face a outros livros do género, o relato de uma doente natural do interior norte do país, onde é possível conhecer não somente a vivência de doença contada na perspetiva do papel sociocultural da mulher transmontana, mas também, dando conta das dificuldades por que passam os doentes no interior norte rural do país no que respeita a cuidados de saúde, realidade tão premente na atualidade do período de crise económica que o país atravessa, e das medidas governamentais dos cortes nomeadamente de saúde, das quais, uma vez mais as populações do interior são as mais afetadas.

A originalidade desta partilha incide ainda na visão positiva da experiência pessoal de doença, ou seja, no sentido encontrado para a experiência de sofrimento na doença, para o qual a fé desempenhou importante papel no desenvolvimento da força e esperança na luta contra a doença e cura, mudança e crescimento pessoal ao longo deste processo. Pretendo constituir um testemunho de força, coragem e esperança para outras doentes que passam pela mesma experiência. Por outro lado, este livro vem colmatar a lacuna existente no mercado nos livros de *auto-ajuda*, o da realidade das doentes do interior norte rural do país com cancro da mama e o das mulheres com menos estudos. Demonstrando que a narrativa da experiência de doença, o crescimento na experiência de sofrimento na doença, a e a ajuda a outras doentes não é exclusiva de pessoas com mais estudos e residentes nos centros urbanos, cujo acesso a todos os meios se encontra mais favorecido. Será seguramente um livro no qual todas as doentes transmontanas com cancro da mama se vão reconhecer, identificar e sentir ajudadas, e que não passará, seguramente, indiferente a todas as mulheres portuguesas que o lerem.

A terminar, resta-me agradecer, em primeiro lugar, à D^a Berta Almeida, em segundo lugar, à Dr.^a Berta Nunes o convite para prefaciar o presente livro. Felicitar a autora não só pela sua força na luta contra a doença, como pela iniciativa de partilhar a sua

experiência, contornando os obstáculos que impediam essa concretização. Fazendo votos que o livro seja um sucesso de vendas e, principalmente, que possa ajudar muitas mulheres com cancro da mama carentes de qualquer outra forma de ajuda psicológica durante o percurso de doença.

Sónia Remondes-Costa
Porto, Julho de 2012.

Quem sou eu

Chamo-me Berta da Conceição Ribeiro Almeida Gabriel, nasci a 12-7-59, casei a 24-2-80; Tenho dois filhos, de 30 e 22 anos de idade; Vivi em Espanha doze anos. Agora já vinte que estou na aldeia onde nasci e tenho toda a minha família.

Na minha opinião, esta é uma das perguntas que mais atormentam e inquietam o ser humano em geral, é uma pergunta vaga, para muitos sem sentido. É difícil responder, olhar para nós mesmos e formar uma opinião, uma crítica, um pensamento. Pelo contrário, é fácil criticar os outros, reflectir sobre as suas acções e julgá-los de acordo com a nossa moral.

Qual moral? Nós temos moral para apontar o dedo aos demais, para criticar o próximo? É difícil responder, é difícil sermos justos, e nós não somos piores do que aqueles a quem nós mal julgamos.

Apresentação

Aqui a minha vida, esta areia tão clara
com desenhos de andar dedicados ao vento.

Aqui está minha voz esta concha vazia,
sombra de um som curtido o seu próprio lamento.

Aqui está a minha dor este coral quebrado,
sobrevivendo ao seu patético lamento.

Aqui está a minha herança este mar solitário,
que de um lado era amor e, do outro, esquecimento.

(Poema da Autora)

Diálogo de apresentação deste meu livro

Vou começar por me apresentar: sou uma mulher simples mãe de família, doméstica e trabalhei sempre na agricultura.

Tenho várias doenças: artroses, sofro muito da coluna, cervicais, e outras; mas, venho falar-vos da doença do cancro da mama que me assolou, depois de ter tido um acidente de carro.

No dia 9 de Junho de 2004, diagnosticaram-me - Cancro de mama - e o mundo caiu-me em cima! Sozinha e sem permitir que ninguém soubesse deste meu problema, passei muito mal. Apesar de ter a família à minha volta só lhes contei depois de não o poder ocultar mais, pois, já não podia esconder mais este meu grande problema.

Tenho cinquenta e dois anos de idade, sou casada há trinta e dois anos e nove meses. Vivi doze anos em Espanha e agora já vinte que estou na minha terra. Agora estou quase só eu e o marido. O marido já tem sessenta e um anos, trabalhou na agricultura, agora passa os dias em casa.

Temos dois filhos, já adultos. A filha de trinta anos está casada há um ano com um homem de quem todos gostamos na família porque é uma pessoa pobre e muito simples, sobretudo educado, de família também educada, e simples. Vêm a casa um ou outro fim-de-semana, e passar alguma noite e almoçar ao outro dia, pois têm a vida deles. A filha já está formada, tirou o curso de ensino básico, ainda não está a trabalhar, pois hoje em dia está muito mal para os professores! Nos primeiros anos trabalhou algum tempo. O primeiro ano passou-o na terra a alfabetizar os adultos e em Mirandela a dar apoio a cinco aldeias. A seguir, estive nos Açores um ano inteiro, e voltou por duas vezes mais a substituir duas colegas e no ano seguinte foi para a Madeira.

E tinha que lhes tocar o ir aos oito dias de eu ser operada!

Também ela ficou muito doente depois de se ver longe de mim o ano inteiro e os nervos dela que mexem com ela! Acabou por ter um grande esgotamento, não podendo trabalhar no ano seguinte.

O filho de vinte e dois anos de idade ainda está a estudar e espero que tudo lhe corra bem e chegue a tirar o curso que se propôs: curso de solicitador. Esta é uma das minhas dores de cabeça! Ver o meu filho formado, igual tal como a minha filha.

Tenho cinco irmãos: duas irmãs e três irmãos. A minha irmã Maria está na Póvoa, e é doméstica. Já tirou vários cursos, alguns deles teve de pagar para os poder tirar e tem quarenta e oito anos.

Tenho um irmão que é pastor, já com os seus cinquenta anos. Também ele já sofreu o seu, num grande acidente que teve quando estava em Espanha junto com o irmão mais novo que hoje se encontra na suíça e que tem os seus quarenta e quatro anos. Eram madeireiros. Certo dia, caiu um pinho em cima do mais velho e deixou - o “desfeito”. Ficou em coma durante dois meses, e o irmão mais novo, que estava com ele, não disse nada a ninguém da família, ia trabalhar durante o dia e á noite ia ao hospital, ver se ainda vivia ou se já estava morto. Não só o que estava em coma, mas também o mais novo sofreu, vendo o irmão naquele estado. Mas Deus é grande! E ele recuperou: colete, canadianas, fisioterapia, e tantas outras coisas... mas hoje está vivo e é pastor.

O outro irmão está na França tem quarenta e seis anos. Tem duas filhas, de quinze e treze anos, e está divorciado. Tenho ainda mais três sobrinhos, de catorze, treze e onze anos. Esta é toda a minha família. Todos se preocupam muito comigo. Assim como todos me ajudam e me dão forças, sempre que preciso. Eu também gosto muito de toda a minha família. Sou por todos muito mimada.

Sou activa, não gosto de estar parada, se não tenho trabalho para fazer invento-o. Gosto de fazer coisas para a família, como cozinhar e ajudar os demais. Gosto muito de ter amigas e conservá-las para sempre. Neste preciso momento, ando a frequentar o curso de cozinha, onde já fiz boas amigas que quero conservar não só durante o curso, mas durante o resto da vida. Estas amigas para mim são amigas verdadeiras e amigas do coração e da alma. Gosto muito de música e gostaria de aprender a tocar teclado ou acordeão. Também gostaria de andar num grupo de danças por exemplo de ranchos folclóricos.

A minha terra

A minha aldeia é Gebelim. É pequena, pobre, por um lado, por o outro, é muito rica. Apenas não teve ainda quem se interessasse e procurasse, quem viesse fazer análises às suas riquezas escondidas, na sua serra que pega com a serra de Bornes.

Um dos sítios ricos é o lugar da caleira, o chamado buraco da caleira, com os seus fornos da cal na ribeira da aldeia, as fragas dos mouros na ribeira que fica no fundo do picoto; entre as aldeias de Gebelim, Soeima e Felgueiras. Onde está também uma gruta que também podia ser explorada e render algumas riquezas para a câmara e aldeias vizinhas. Ainda tem outras riquezas: o Santuário de São Bernardino de Sena, lugar muito querido, assim como o santinho; a Igreja Matriz muito bonita com os seus cinco altares em estilo barroco. Algumas capelas: a da Senhora do Rosário, a da Senhora da Incarnação, a do São Martinho, e a capelinha de São Bernardino à beira da estrada, onde quem passa vai parando para deixar as suas pequenas esmolas. Todos na aldeia gostamos de tudo isto e todos têm onde cultivar um pouco de tudo. É também rica em azeite e sobretudo em castanha.

Esta minha aldeia onde eu gosto muito de viver, com suas gentes simples e até muitas ainda analfabetas precisa de muita coisa sobretudo de alegria, aquela alegria de antigamente, que agora já não há! a sinceridade, as rezas do terço, o recorrido pela aldeia da sagrada família que andava de casa em casa. Nessa altura, ainda não tínhamos luz eléctrica. Coisa que eu tenho saudades...pois as coisas simples e boas acabam. Só as más continuam a desenvolver-se infelizmente.

Esta minha aldeia com toda sua cultura de grutas, tesouros, este seu grande património.

Convite ao leitor

Convido todas as pessoas à leitura deste livro.

É pequeno, mas na minha opinião têm muito para dar, para revelar a todos. O segredo daquilo que todos devemos ter; onde nos devemos agarrar. As fontes onde devemos procurar forças para lutar nos momentos difíceis da nossa vida.

Eu falo disso neste pequeno livro! A fé é que nos salva, quer sejam crentes ou não, todos devemos ter alguma coisa onde nos agarrar. Sejam fortes e corajosos que tudo se resolve da melhor maneira.

Deus jamais nos abandona!

I

Descoberta da Doença

A nove de Junho de 2003 ia a uma consulta ao médico de família. Sozinha no carro, uma coisa estranha passou-me pela cabeça. Sei que não perdi por completo a cabeça, mas perdi o controlo do carro: passei para a berma oposta e senti que alguma coisa batia no carro, como se fossem ervas secas. Só me lembro de ter visto um carro que vinha em direcção a mim, é o último de que me lembro! Dei então uma guinada para a direita para voltar para a estrada. Não sei se acelerei demais, quando parei estava com o carro todo partido contra a fraga da berma do lado direito numa barranca.

Além do mal tive sorte, os meus anjinhos da guarda que jamais me abandonam, cuidaram de mim e não deixaram que nada de grave me acontecesse. Foi um grande susto, isso sim, não posso dizer o contrário! E ainda bem que eu levava o cinto posto, pois é o que faço sempre que entro num carro.

Nesse momento passou um rapaz com sua cunhada, e iam para Alfândega trabalhar. Queriam levar-me logo ao médico, mas eu não quis. Então levaram-me a casa onde o marido me esperava chateadíssimo. Depois de saber o ocorrido, pediu um carro emprestado a uma senhora para me levar ao médico. Quando cheguei ao médico contei-lhe o que me tinha acontecido.

O cinto puxou-me e deixou-me logo um nódulo por cima da mama direita. O médico viu e passou-me logo uma credencial. Mandou-me ir a Amarante fazer uns exames.

Ao médico que me estava a fazer os exames, eu logo perguntei:

- Senhor doutor que me passa? É grave?

E o médico disse-me:

- Não é grave, mas, precisa de fazer uma biopsia.

Disse-me que tinha um nódulo de dois milímetros, mas que não me assustasse que tudo ia resolver-se. Que ia mandar os exames para o meu médico, e ele ia mandar-me fazer a biopsia e tirar o nódulo. Mandou-me logo os exames e assim eu fui ao médico de família. E assim fiz, fui ao médico e o médico depois de ver os exames, disse-me que não me preocupasse, que tudo estava sob controlo, que teria de ir vigiando todos os anos.

E foi assim, disse-me para não me preocupar, que não era nada.

E eu sempre lhes disse:

- Senhor doutor, eu quero tirar isto antes que seja demasiado tarde!

Parece que já pressentia aquilo que me ia a passar na verdade. E assim foi, esse pressentimento sai-me certo.

Todos os anos me mandava fazer uns exames: mamografias e ecografias. E o médico sempre me dizia o mesmo:

- Está tudo bem, para o ano quando for altura vai fazer outros exames. Mas não há que preocupar.

Assim se passaram cinco anos. Sempre que pedia para tirar o meu nódulo, o médico sempre me disse o mesmo:

- Só precisa continuar a vigiar, não precisa de andar a ser cortada. Isso não é nada.

E eu sempre a insistir para tirar. Não queria passar um mau bocado, mas foi isso que vim a passar.

Quando eu em 2007 já no mês de Dezembro andava à azeitona, comecei a ver que alguma coisa me estava a passar. Comecei por ver o meu pescoço a apanhar-se cada vez mais, os olhos fundos, cada vez mais olheiras e o nódulo a crescer de dia para dia.

Em Fevereiro de 2008 fui ao médico de família e pedi para fazer novos exames.

Ele disse-me:

- Ainda é cedo, só costuma fazê-los no verão. Não é? Ainda tem tempo.

Mas eu insisti, quase lhe exigi que me mandasse fazer novos exames. O meu nódulo estava a crescer e eu não me sentia bem.

- Senhor doutor estou cansada disto!

Nunca me fez caso.

- Sr. Doutor eu estou a ver no meu dia-a-dia o meu nódulo crescer! Eu quero ir novamente fazer exames. Se estiver tudo bem melhor, mas não é o que me parece!

Cada vez que ia tomar banho, ou despir-me eu via que estava a mudar tudo em meu corpo.

Fui de novo ao médico:

- “Eu quero ir agora e com urgência!”. Então passou-me a credencial para ir a Mirandela.

Quando fui avisada, fui fazer os exames a Mirandela ao Hospital. Depois de fazer a mamografia fui fazer uma ecografia.

Quando estava a fazer a ecografia pergunta-me o médico:

-“Que lhe passou?” E eu contei o sucedido.

Logo me disse:

- “Isto não está nada do meu gosto! Vai para casa agora porque eu não tenho aqui com que lhe valha, senão ficava não a deixava sair daqui. Mas por favor espere-me lá fora, não vá embora, que vai já levar o prospecto que agora mesmo vou fazer para o seu médico para que a mande com urgência para lugar seguro quanto antes.”

E assim fiz, esperei algum tempo, quando escuto o meu nome:

- “Senhora Berta Almeida”

Eu respondi:

- “Sou eu, estou aqui”

- “Venha cá o senhor doutor pediu para lhe dar em mão estes exames.”

Ao outro dia fui ao médico de família com os exames e quando ele viu então mandou-me logo para o Instituto de Oncologia do Porto.

Nessa mesma altura recebi um aviso para ir ao carro que vem todos os anos, gratuitamente, fazer um rastreio. Fazer esses exames eu, apenas, fui uma vez e já andava no doutor Telmo em Bragança muito antes do que me passou. E dessa vez telefonei para o centro de Saúde de Alfândega da Fé a dizer que não ia, tal como continuo a fazer cada vez que me chamam.

Ainda ouve quem me dissesse:

- “Vai connosco no carro! Mais vale duas que nenhuma.”

Mas eu não quis, e disse:

- “Não chega-me bem a que tenho para fazer. Prefiro ir a fonte limpa.”

No dia 28 de Julho lá fui eu à minha primeira consulta, estava nervosa e cheia de medo, confesso!

Todo este tempo sofri muito sozinha, chorei várias vezes sempre que estava só, pois, passei todos estes meses sem dizer nada à família, ou a qualquer outra pessoa, ninguém soube de nada, eu guardava tudo para mim. Foi muito duro ir aos médicos, e o que diziam, guardava. Ninguém desconfiava. O medo era grande mas nunca dei parte de fracasso diante dos meus familiares. Sempre tentei dar a volta por cima. E nunca ninguém desconfiou do que me estava a passar, sempre escondi tudo de toda a família. Para mim já era bastante o sofrimento e não queria dar que sofrer às pessoas que eu mais amava. Não queria vê-los sofrer. E assim enquanto pude esconder, escondi. Sempre alegre, contente, brincando com tudo e com todos. Rindo-me de tudo e de todos, das coisas até das mais sérias, para que ninguém desse conta que estava em baixo e cheia de medo.

Pensava que jamais iria a aguentar, que me iria a afundar no meu barco para sempre, mas, não foi assim.

Só a partir do dia 28 de Julho, esse dia foi grande nunca mais acabava! Levantei-me às cinco da manhã, não consegui comer nada, fui à consulta, correu-me bem e tive sorte com a primeira médica que me atendeu. Mandou-me ir ao outro dia para fazer uma biopsia.

Eu disse-lhe:

-“ Senhora doutora, como vir amanhã outra vez? Então a doutora já viu de onde eu venho? São duzentos e tal quilómetros.”

Então ela foi muito boa comigo e disse-me:

- “Espere vou ver se ainda está aí uma colega que amanhã fica de férias. E se ainda estiver aí fazemos já a biopsia.”

Assim foi essa colega ainda estava ali, assim como outra colega mais e com uma enfermeira. Foram todas muito boas comigo, trataram-me muito bem. Lá fiz então a biopsia. Como eu estava sem comer e nervosa, tudo foi mais difícil, a ansiedade era grande.

Quando me perguntaram:

-“ A senhora comeu alguma coisa?”

Eu respondi:

-“ Não, estou sem comer nada!”

Logo uma das três doutoras pede a uma auxiliar para ver o que podia arranjar-me. A auxiliar foi e veio com um chá e umas bolachas e disse-me:

- “Coma não pode estar sem comer!”

À medida que iam fazendo o trabalho, iam falando comigo e contando o que me iam fazendo. Amáveis diziam-me:

- “Não tenha medo!” Vamos picá-la isto não dói é apenas uma pequena maldade nossa, nós só sabemos fazer destas coisas às pessoas!”

Depois de tudo quiseram ajudar-me a levantar, mas eu não respondi, deixava-me cair, mas sempre tão amáveis, disseram-me:

- “Espere deite-se aqui, até que se sinta melhor.”

Assim foi estive ali coisa de uma hora, e lá fora os bombeiros à minha espera, com vontade de comer, pois era hora de almoço.

Estive muitas horas ali na clínica da mama. Da consulta para a sala da enfermeira. Depois para a sala da biopsia e novamente para da sala enfermeira. E assim o tempo ia passando, fiquei com outra consulta marcada.

A partir desse dia já não pude esconder mais nada da família. O meu problema foi revelado à família. Mas não queria que as pessoas soubessem de nada, não queria que as pessoas me vissem de maneira diferente. Fui obrigada a contar tudo logo que cheguei a casa: que já tinha feito uma biopsia e iria ter de ser operada. Tive de dizer o que as médicas me tinham dito: agora não posso fazer nada, nem pesos nem outras coisas que até agora fazia. E assim tinha de ser.

Tanto o meu filho, como o marido levaram tudo isto a peito. Já não me deixaram mais, a toda a hora me diziam:

- “ Pára, descansa, não faças nada, não faças isso, não faças o outro.”

E assim sucessivamente. Não queria que nada de mal me passasse.

A partir daquele dia as coisas mudaram para todos em casa. Pedi para não falar nada para ninguém, deixei muitas coisas de lado, como o meu acordeão que eu estava a aprender a tocar. Passei a ir com o grupo de cantares, onde andava, mas só para cantar e fazer companhia e sem dizer uma palavra. A partir de então perguntavam-me:

- “Então o acordeão?”

E eu dizia:

- “Está a descansar!”

A primeira vez que sai, foi para uma gravação. Não deixei o meu lugar no grupo de cantares mas fui sem o acordeão. Estavam todos a cantar e a tocar, e eu de estar ali só a cantar, cantava mas as lágrimas corriam por dentro e por fora.

Mas ninguém se deu conta no grupo, aquilo que me estava a passar. Assim como ninguém, me perguntou esse dia o porquê de não ter levado o meu no acordeão, nem o professor de música, nem o presidente da associação que ao mesmo tempo também era o presidente da junta. Assim andei algum tempo, cada vez que saía com o grupo para algum lado. Eu ia sempre, nunca deixei de ir. O marido e os filhos queriam que não voltasse, mas eu nunca quis deixar de ir.

Dizia-lhe sempre:

-“ Vou, assim arejo as minhas ideias.”

Eu deixei de pegar no acordeão pelo nódulo, e depois de ter feito a biopsia não podia pegar em pesos. Quando chegava ao grupo, as pessoas davam-se conta que eu não levava o acordeão então perguntavam:

- “O que se passa com a tua gaita?”

Eu sempre respondia o mesmo:

-“Ficou a descansar! Também tem direito de descansar”.

E sem que ninguém soubesse de nada brinquei sempre com isso como se nada se passasse.

Depois de fazer a biopsia é que tive de ser forte, não me queria ver desmoronar diante de todos e tive que dar a volta por cima. Tinha medo de fazer toda a família sofrer mais do que devia.

Eu sempre pensava jamais levantar a cabeça, e que acabaria por afundar. Mas graças a Deus não foi assim. A partir daí senti uma força tão grande, tão grande que eu nem sabia de onde vinha. Mas a verdade é que eu nunca perdi as esperanças. A fé em Deus e em todos os Santos e anjos. A eles todos os dias chamei e pedi a sua ajuda. E eles jamais me faltaram, nem me faltam. Eu peço a todos que lerem este meu pequeno livro mesmo que não sejam crentes, tenham fé jamais percam a esperança. Que Deus jamais nos abandona, Deus jamais nos falta, mesmo que nos não acreditemos. Deus ele que é pai, crentes ou não crentes. Basta pedirmos a sua ajuda para todas as nossas necessidades, peçamos-lhes sempre ajuda, seja ele de onde seja, estejamos onde estivermos. Para nos ajudar em todas as nossas dificuldades. Ele ouve-nos e estende-nos a sua mão.

Fui ao médico de família e pedi uma ambulância para poder ir às consultas. Não me deram meio de transporte e passei a ir no nosso carro. O meu filho passou a levar-me todas as vezes que eu precisava de ir a alguma consulta e por vezes, faltava às aulas para me levar. Ia sempre o carro cheio: o marido, os filhos e a minha comadre que é a madrinha de minha filha, que cada pouco vinha para me ajudar, desde que soube o que me passava, veio para estar comigo.

No dia em que fiz a biopsia foi-me logo marcada a cirurgia para o dia 1 de Outubro. Entre o dia 28 de Julho e o dia 1 de Outubro tive de ir até três vezes por semana às consultas. No dia 30 de Setembro fui para o hospital para ser internada, para o outro dia fazer a cirurgia. Mas, dia um de Outubro houve greve de médicos e enfermeiras e eu acabei por não ser operada. Estando mesmo assim já preparada: estava já picada com o cateter para o soro.

Tive de voltar para casa ainda sem ter feito a cirurgia. Dizendo-me que iriam marcar nova cirurgia.

Esse dia foi para mim uma grande seca: todo o dia a ligar para os bombeiros e nunca mais apareciam! As pessoas que ligavam, diziam-me:

- “ Dentro de pouco estão aí.”

Para mim a seca era cada vês maior! Até que ao fim do dia lá apareceram dando mais uma desculpa.

II

Experiência da Doença

Em 2008 ligaram-me a dizer que tinha nova marcação da minha cirurgia e seria para o dia treze de Outubro. Fui internada dia 12 às cinco da tarde, era domingo. Ao outro dia lá fui ao bloco e lá fiz a minha cirurgia conservadora.

Nesse dia já minha família tinha combinado que, por ser tão longe, a minha irmã Maria passaria o dia no hospital e daria notícias às demais pessoas da família. Assim fez, aí esteve todo o dia, esperando com paciência que eu saísse do bloco. De vês em quando ia perguntar se ainda estava demorada a cirurgia. Disse-nos que tinha demorado muito, que estava cansada de tanto esperar, que nunca mais saía do bloco. A minha irmã nervosa esperando.

Lembro-me de quando entrei no bloco, passar num tapete rolante. Da cama, para o tapete, do tapete para outra cama. Fazem isto por prevenção e desinfectam com álcool para que não passem alguns vírus.

Quando entrei para o bloco mandaram-me deitar na mesa de cirurgia. Via as luzes em cima de mim e os médicos á volta. Lá fui eu para um sono que não sei quanto tempo durou. Só a minha irmã se daria conta.

Quando estive no recobro, onde havia mais doentes como eu, lembro-me de ver uma enfermeira de um lado para o outro vendo todos os doentes e aconchegando-os.

Ao despertar senti muito frio. Chamei então a enfermeira:

- “Senhora enfermeira, por favor eu estou a morrer de frio!”

Custava-me a falar, tinha a voz tão trémula! Mas consegui chamá-la. Lá veio a enfermeira, e disse-me:

-“ É natural depois da cirurgia. “

Pegou num edredão muito quentinho e aconchegou-me muito bem. De vês em quando ia ver se eu reanimava.

Quando já estava a ponto de sair dali, lá vou eu outra vês da cama onde estava para o tapete rolante.

A minha irmã estava à espera e acompanhou-me até ao quarto. Ficou até à noite e só à noite é que foi para casa.

No quarto voltei a pedir para me taparem, continuava a sentir muito frio. A enfermeira foi ao armário tirou um edredão de aquecimento. Até que eu comecei a aquecer. Quando comecei a transpirar então pedi para mo tirar. Que até ali pensava morrer de tanto frio.

No outro dia foram ver-me os meus filhos, o marido, a minha comadre, a minha cunhada e a minha irmã.

Quando um dos médicos, que me operou, foi ver-me já no quarto, viu-me voltada para o lado em que tinha o corte.

- “Mas como a senhora está já deitada para esse lado? Não pode ser. Só lá para diante quando estiver já bem curada é que poderá deitar-se para esse lado.”

Mas eu sentia-me bastante bem! Estando ainda, meio dormida meio acordada. Ainda sob o efeito da anestesia. Pensava para comigo:

- “ Como pode ser se eu já fui operada? Como não sinto dores?” Mas era assim que me sentia, sem dores apenas sentia um certo mal-estar, um pouco incómodo. Pensava: “Como é estranho para mim não me doer nada.”

No outro dia quando chegaram o marido, os meus filhos, a minha cunhada, a minha comadre e a minha irmã, todos pensávamos que esse dia ficaria ainda no hospital.

Na hora da visita, chegou um dos médicos que me havia assistido na cirurgia, e pergunta:

- “ Dona Berta como se sente?”

Eu respondi-lhe:

-“ Eu sinto-me bastante bem.

- “Sente-se bem com seu menino? (menino era o dreno, era a uma forma carinhosa de o chamarem no hospital). Como está? Mostre cá.”

Esteve a ver o dreno, a ver a quantidade de pus que tinha.

Virou-se para mim e disse-me:

-“ A senhora hoje mesmo vai para casa, visto que se sente bem, o menino não tem grande coisa, eu penso que está bem. Que lhe parece?”

Eu respondi logo:

- “O senhor Doutor é que sabe o que deve mandar-me fazer.” O que me mandar fazer eu vou fazer.”

Então vamos lá: fez-me todas as recomendações: daquilo que podia fazer e o que não podia fazer.

- “ Nada de pesos e nada de mexer braço. Ponha um sutiã que lhe segure o peito bastante para cima.”

Eu pergunto-lhe:

-“ Que sutiã devo usar?

E ele respondeu-me:

-“ Isso já é coisa que eu não compreendo nada. Quero que ponha um sutiã, que lhe segure bem e o peito, bem para cima.”

Também me recomendou que me levantasse e fosse saindo de casa, que me iria fazer muito bem.

Se o médico me fez todas as recomendações, a minha família, mais a peito o tomou. Eu tinha de seguir tudo ao pé da letra.

Tanto meus filhos como o marido, a toda a hora me diziam:

- “ Não faça isso não faça o outro.”

Até quando chegava á porta, já estavam os meus filhos:

-“ Mãe sai daí que podes constipar-te.”

Ainda não havia oito dias que eu tinha sido operada, a minha filha, como é professora do ensino básico, foi chamada para a Madeira. O ir para a Madeira foi para minha filha outra preocupação e deixar-me em casa recém operada. Não queria ir mas em casa todos a apoiamos e animamos para que aceitasse e fosse fazer a vida dela. Foi, mas não deixou um só dia de ligar para mim, para o irmão, e para o pai. Muitos dias até duas vezes, gastou muito dinheiro durante todo o ano. Á parte de ainda vir pelo Natal, pelo carnaval, pela Páscoa, e logo nas férias. Gastou muito em tudo, mas toda essa preocupação, foi o começo de uma grande depressão, que só lhe passou um ano mais tarde.

Depois de tudo, tive sorte com a família que tenho. Aliás, sempre tive. Eles são o meu maior tesouro, o meu maior orgulho, a minha maior riqueza. Marido, filhos, irmãos... apesar de alguns não estarem perto.

A minha irmã Maria, vai ter comigo e assistir a algumas das consultas. Quando os médicos lhes permitem. Até ainda veio do Porto a Gebelim, onde moro, que é a aldeia onde nascemos e temos vivido. Alguns fins-de-semana, veio fazer-me algumas coisas mais pesadas como: lavar, passar a ferro, fazer limpeza.

Assim como minha cunhada Fernanda que também vinha todas as semanas, durante dois meses, passar a ferro e lavar a loiça.

O marido também não me deixava fazer algumas coisas. Até ao dia de hoje, ainda me ralha se me vê fazer algumas coisas que não devo fazer.

Durante todo o ano, ao fim de semana, o meu filho quando chegava a casa dizia-me:

-“ Mãe deixa estar que eu faço.”

E dizia-me ainda:

- “Mãe se não tens mais nada que fazer deita-te no escano e vê televisão.” Agora estou eu aqui, eu faço o que é preciso fazer esteja quieta.”

Só me dizia:

-“ Mãe o que é preciso fazer? Queres que aspire a casa?

Algumas das vezes chegava, nem perguntava nada quando me dava conta já ele andava a passar o aspirador, pegava na vassoura varria, logo pegava na esfregona e limpava. Era assim todos os fins-de-semana.

A minha filha quando veio para casa, não queria que eu fizesse mesmo nada. Ainda é o dia de hoje que até tirar a roupa da máquina, e levá-la para a varanda, são eles ainda que o fazem, para eu depois devagar ir estendendo.

Nada de me verem a pegar em pesos, ou outros trabalhos pesados. Que quando eu o faço, e eles se dão conta, já os tenho a todos a ralhar comigo.

Assim como cada vez que chego á porta, continuam a dizer-me:

-“ Entra para dentro que vais constipar-te. Tu agora tens de ter muito cuidado contigo.”

Alguma coisa que faço passados 13 meses ainda é contra a vontade de todos eles. Ainda seguem com o mesmo cuidado de sempre, fazendo-me as mesmas recomendações.

A partir do momento em que eles passaram a saber tudo o que se passava, senti muita força. Não sei de onde me veio, de onde saiu, eu senti-me a mais valente das criaturas. Com força, com ânimo, com coragem para todos, não só para mim. Nunca mais chorei, nem me senti deprimida mesmo nos piores momentos.

Também posso dizer apesar desta doença, que assusta a todo o mundo, e que não deve assustar, dessa maneira a ninguém. Isto não é um bicho-de-sete-cabeças, é apenas uma doença como outra qualquer. Há que ser forte há que ser corajosa, ou corajoso para enfrentar esta doença como outra qualquer. Cabeça para cima, há que seguir em frente. Para a frente é que é o caminho! Nada de medo, nada de se deixar apagar ou pensar que vai morrer. Nada disso, só se morre quando Deus quer, ninguém morre por uma doença, acidente ou de qualquer outra maneira se Deus não quer. Apenas se morre quando chega a hora no dia que nos está predestinado. Ninguém vai no lugar de ninguém. Todos temos o nosso dia e a nossa hora, assim como ninguém passa pela doença de ninguém. Todos temos de sofrer, uns mais, outros menos; todos temos a nossa cruz para levar até ao calvário. Rezem o terço todos os dias, rezem aos vossos Santos, aos vossos amigos, lá dos céus, a Jesus e a Maria sua Mãe, que eles sempre nos escutam. Peçam-lhes vossas necessidades, doenças ou qualquer outro problema, que tudo se arranja.

Agora vou falar das primeiras coisas que encontrei no Instituto Português de Oncologia do Porto. O qual todos chamam de I. P. O.

Na altura, tudo era estranho para mim, não sabia onde estava, mas agora posso falar dele por experiência própria.

As pessoas que por ali passam, eu mesma também posso assegurar, todos ficamos surpreendidos; Eu pelo menos fiquei! Nunca vi tanta amabilidade, tanto carinho, tanto amor.

É disso que os enfermos precisam, isso é meia cura para todos. Desta maneira também se aliviam as doenças que estamos a passar.

Tudo isto é lindo, muito lindo e é lindo quando os médicos, enfermeiros, auxiliares, empregados de limpeza, ou de qualquer posto de recepção todos são do melhor.

Eu só posso dizer bem de todos eles: são todos muito humanos. Há humanidade, naquele hospital.

Já estive em mais de um hospital, sempre me trataram muito bem, mas como em este, nunca me tinham tratado assim: este é espectacular! Este merece tudo de bom, que se fale dele e de todos quantos trabalham nele.

A primeira vez que fui internada, comecei logo por ver pessoas muito amáveis. Nesse mesmo dia encontrei uma doente muito boa e carinhosa e eu não posso deixar de falar dessa senhora que me deu muita força, visto que ela já tinha passado pela mesma experiência que eu passei.

Chamava-se Cândida era da Lixa, essa senhora maravilhosa. Estava à espera de fazer uma reconstrução da mama e já estava a fazer tratamento para o fazer. Pela sua experiência contou-me tudo, pelas várias coisas que tinha passado.

Virou-se para mim e disse-me:

-“ Isto não é nenhum bicho-de-sete cabeças, isto é apenas mais uma doença como outra qualquer, pela qual Deus nos põe à prova. Não tenha medo, eu já passei por tudo. E estou aqui.”

Falou-me das coisas como elas são, contou-me que ela já tinha sido operada, mostrou-me a sua cicatriz como ficou depois de lhes tirarem a sua mama.

Diz-me ela:

-“ Olhe, mais mama menos mama, isso não é o mais importante. Eu não deixei de ser a mesma pessoa que sempre fui. O mais importante é sermos fortes, ter coragem, não desanimar, seguir em frente de cabeça sempre erguida.”

Mostrou-me a costura com que tinha ficado, era feia, mas ninguém a ia ver pois, ela ia fazer a reconstrução de mama.

Disse-me ela:

- “Não tenha medo minha querida.”

Ela hoje é voluntária naquele hospital. Em pouco tempo e com poucas palavras, deixou-me de corpo e alma aliviada, confortada. Assim, desta maneira, quero eu fazer o mesmo aos que lerem este livro.

Ainda me mostrou a roupa que trazia vestida, falou-me de como gostava de vestir-se, tirou a bata e mostrou o seu lindo vestido vermelho de ombreiras.

Diz-me ela:

-“ Eu não gosto de roupas escuras, tristes, pretas. Eu gosto de me vestir sempre assim de roupas alegres.”

Apesar de sua idade, pois já tinha sessenta e quatro anos, não se sentia velha, dizia mesmo:

-“ Eu costumo dizer, velhos são os farrapos!” As pessoas jamais são velhas!”

Eu também gosto muito de falar e de vestir como ela, com roupas alegres. Até digo que jamais ninguém me vê vestida de farrapos pretos. O luto não é para mim, o luto não está nos farrapos; o luto por uma pessoa querida está na alma, está no coração, nas orações.

Esta senhora parecia eu a falar.

Ela também me contou que se juntava todas as noites com mais senhoras e senhores no coro de uma Igreja para ensaiarem os cânticos para os domingos; para rezarem o terço, e até fazer outras obras de caridade; Ela não parava, dizia que parar é morrer!

É verdade, parar é morrer!

Gostei muito desta senhora, mas nunca mais a consegui ver. Despediu-se de mim alegre, sorridente e cantando uma linda música e uma linda canção, parecia um anjo a cantar, foi lindo...lindas as suas palavras. Nunca mais vou esquecer esta senhora.

Eu também estava alegre. A minha família é que pode dizer como eu jamais fiquei abatida. E depois de falar com esta senhora, fiquei mais animada ainda. E ainda me atrevo a dizer, assim como já disse muitas vezes: Há que ter fé é a fé que nos salva. E sinto-me assim cada vez mais forte, mais alegre. Sinto essa vontade de cantar, dançar e não parar mais. Sinto-me cada vês mais contente. E não permito que alguma pessoa da família se sinta triste diante de mim.

Chegaram as pessoas a dizer para o marido:

- “Olha! Mas aqui quem é o doente? Tu ou ela?”

Ninguém lhe podia falar de mim! Cada vês que perguntavam por mim chorava. O meu choraminga! Sempre com a lágrima no olho!

Eu para fazer-lhe levantar a moral, quando ele começa com a choradeira, em brincadeira e no gozo com ele dizia-lhe:

-“ Anda cá meu choramingo!” E ia limpar-lhes as lágrimas, com o avental, ou outra coisa que tivesse à mão.

Dizia-lhe:

- “Eu estou aqui não morri, só se chora por alguém que morre. Eu estou aqui.”

Foi duro para todos, principalmente para os meus filhos.

Fiz seis sessões de quimioterapia, ia e vinha no mesmo dia, ia sempre acompanhada do marido, dos filhos e da minha irmã, que sempre foi ter comigo ao hospital.

Na segunda sessão o meu cabelo começou a cair, mas eu, como tinha coragem para tudo, quando fiquei um pouco sozinha, fui para a casa de banho, peguei na tesoura, e cortei-o, o mais curto que pude, desta maneira não teria de o ver cair aos poucos.

Sempre fomos no nosso carro, pois nem ambulância o médico me quis dar.

Enquanto íamos no nosso carro, e tive semanas de ir até três vezes! Tive a intervenção de uma senhora doutora da qual eu sempre gostei muito e a quem eu agradeço muito, de todo o coração. Se não fosse ela continuaria a ir no nosso carro. Quando ela soube que eu não tinha ambulância, telefonou logo para o centro e falou para me darem sempre ambulância.

Apesar de ir de ambulância, o marido sempre me acompanhou. Também fiz muitos bons amigos nos bombeiros voluntários de Alfândega da Fé.

Tanto o marido como a minha irmã queriam entrar sempre comigo nas consultas, ou nos tratamentos. Cada vês que precisava de ir ao I.P.O, lá íamos os dois ou os três! Jamais posso dizer que não tive apoio da família, e ainda continuo a ter esse apoio, de todos os que me querem.

Agora vou falar dos tratamentos. Isto é duro e muito difícil. Também é segundo cada um lho toma. Nem todos somos iguais, uns temos mais força de vontade, outros menos. Uns são, eu diria, mais valentes e cheios de esperança que os outros; cada pessoa é uma pessoa. Isso nem se discute, não somos todos iguais. Mas que cada um tem a força, o ânimo, a coragem dentro de si, isso posso assegurar de que é a pura verdade. Eu tenho tido tudo isso, e além disso, tenho tido sempre a companhia e a ajuda dos amigos lá dos céus que nunca me abandonaram. Não conseguiria passar por tudo isto se não tivesse tanta ajuda! Tanta ajuda tanto apoio, de todos os que me querem: é muito bom ter uma família como eu tive sempre a apoiarem-me desde que souberam do meu problema. E mais, atrevo-me a dizer, e podem todos acreditar: eu tenho sido muito feliz. Sim muito feliz. Feliz. Feliz, mesmo estando doente.

Também tenho conhecido muita gente e muita coisa, há gente boa e gente má, ou ruim. Mas foi muito bom conhecer tanta coisa que jamais pensei conhecer.

Fiz seis tratamentos de quimioterapia, cada um diferente do outro. Estava duas horas a fazer o tratamento. Para mim era como tomar soro no hospital, podia ver televisão, ler, conversar com as pessoas que ali estavam.

Cada vez que ia, como já falei, o meu marido sempre me acompanhava. A minha irmã Maria também ia sempre ter comigo.

Também íamos conhecendo outras pessoas, outros doentes que esperavam como nós. Devo dizer que entre essas doentes também fiz muito boas amigas, boas amizades. Amizades que nos deixam saudades e muitas!

Quando chegava a casa parecia que nada se tinha passado. Mas para o outro dia, levantava-me da cama ia para a cozinha onde o marido me esperava já com o fogão de lenha aceso e não tinha vontade de comer, nem beber, nem de fazer absolutamente nada.

As duas primeiras vezes, ainda me iam empurrando alguns sumos para poder tomar os remédios. Remédios que jamais acabavam! Tentava comer uma sopa, mas sem vontade!

Mas quantas mais sessões ia fazendo, menos vontade tinha de voltar. À medida que iam chegando as ultimas sessões, mais me custava ir fazer as que faltavam. O ir a fazer outro tratamento, para mim era como se não tivesse forças para mais! Via-me morrer com os tratamentos. Se um dia aguentava bastante bem, ao outro já amarrava a cabeça! Ficava três ou quatro dias, tombada no escano que tenho na cozinha. Apenas me levantava para ir à casa de banho ou quando ia para a cama.

Não tinha disposição, e alguns desses dias não tinha vontade de falar e até de abrir os olhos, nem que falassem comigo.

Passados esses dias, eu voltava a ser a mesma de sempre, a mulher que não se entregava jamais. Que parecia nada ter passado, aparecia como sempre, pois nunca fui mulher de entregar os pontos!

Apesar de não poder comer, nem beber, eu voltava a sentir-me como se estivesse nova, pois a quimioterapia sempre me afectou, e afectava muita coisa, não me fez só perder o cabelo. Cada sessão fazia-me rebentar a boca até sangrar. Entre essas coisas até as mãos e pés perderam pele. Os pés, nem os podia pôr no chão!

Sofri com a quimioterapia, tudo doía! Só eu sei o que me passou! Mas nunca desanimei. Deus e todos os meus santinhos e Nossa Senhora estiveram sempre a meu lado. Tenho a dizer a todos que leiam este pequeno livro se tiverem que passar por uma coisa destas, ou até qualquer outra doença, não se deixem abater, jamais entreguem os pontos, tenham fé muita esperança e sobretudo rezai muito. Rezai e pedi aos vossos santos, a Nossa Senhora, ao Pai do céu que vos ajudem, que eles estão sempre connosco para nos ajudar. Eu sempre fiz isso e continuo a fazer. Pois nunca desanimei, nem desanimo. Temos que seguir em frente, para a frente é que é o caminho.

Tenho passado de tudo um pouco, esta não foi a única vez que eu fui operada, mas sempre sai adiante, sempre dei a volta por cima!

Já vinte e seis anos, que fiz as minhas primeiras operações: vesícula e apêndice. Há dez a uma hérnia lombar, através de laser. Mas a da vesícula e do apêndice não tive a sorte que todos têm agora! Ainda se queixam as pessoas! Eu dessa vez, estive quase dois meses no hospital. A operação ainda foi de barriga aberta! Quem já passou por isso sabe do que estou a falar, agora as pessoas queixam-se de mimos!

Aqui estou eu de novo a dar o meu testemunho, para que possam levantar a cabeça seguir em frente. Não é por sofrer que se morre, enquanto não chega a hora ninguém morre e só Deus sabe quando vamos.

Acabei as sessões da quimioterapia, em que descansava três semanas, de uma à outra. Logo descansei para a radioterapia: onde fiz trinta e três sessões. Ia à segunda e vinha à sexta-feira para casa passar o fim-de-semana. Ia e vinha de autocarro, chegava a Macedo de cavaleiros e o meu filho ia buscar-me no carro. Foram assim seis grandes semanas, de cima para baixo de baixo para cima!

O meu pobre filho foi o que mais sacrificio fez: andou de casa para Mirandela, onde ele está a estudar. De manhã ia, à noite vinha para casa fazer a comida ao Pai e para ele, e

ainda deixava alguma coisa para o Pai comer ao outro dia. Foi assim durante todo o meu tratamento.

Tenho muito que agradecer a todos, nunca pensei que todos tivessem tanta paciência, tanto amor e carinho para dar aos doentes; são incríveis todos! Que Deus lhes dê tudo de bom, que bem merecem.

Também tenho a dizer aqui que sempre peço a Deus por todos quantos trabalham em todos os hospitais e por todos os doentes: que Deus os melhore e lhes dê muitas forças, coragem e ânimo, como me tem dado a mim até agora.

Foram então seis semanas em que todos os dias ia fazer as sessões. Parecia pouco tempo que estava dentro da máquina. Demorava mais a despir-me e a vestir-me do que o tempo que estava lá dentro. Quando saía da máquina, ia directamente para a enfermaria para fazer o curativo, tinha de cuidar muito bem da pele. Ainda vim para casa com as chagas abertas, mas nem por isso desanimei nunca!

A enfermeira passou-me uma carta onde explicava como deviam fazer-me os curativos no Centro de Saúde de Alfândega da fê, onde pertenço. Mas querem saber o que eu fiz? Não fui ao centro vez nenhuma! Era difícil, mas sempre fiz eu mesma o curativo em casa. Ia para a casa de banho, despia-me em frente ao espelho, e assim fazia todos os dias até já não precisar de mais curativos. Vejam a minha coragem! Eu sozinha, ia então para a frente do espelho, levantava o braço direito, pois foi na mama direita, e com a mão esquerda eu fazia os meus curativos. E assim via as minhas chagas.

Mas, aqui estou, dando o meu testemunho, escrevendo por minhas próprias mãos o que passei. Com isto, quero que quem leia este pequeno livro, se estiver a passar pelo mesmo, não desanime e tenha forças para seguir em frente. Nem todos sofremos da mesma maneira, mas temos de seguir em frente! Sei que cada pessoa é uma pessoa, cada um é diferente do outro, cada corpo é um corpo diferente do outro, nem todos reagem da mesma maneira, mas não desanimem nunca. Aprende-se muita coisa, conhece-se muita gente, é bom tudo isto, todas estas coisas, dão-nos mais forças para seguir em frente, para nos fazer mais fortes.

Durante esse tempo todo fiz várias amizades infelizmente, mas, por outro lado, eu digo felizmente...

Todos os dias, quando chegava ao hospital, passava pela sala de espera, até que era chamada para os tratamentos: havia mulheres e também muitos homens.

As nossas saudações, uns para os outros, eram mesmo incríveis:

- “Bom dia! Alegria, paz e harmonia!”.

Abraçávamo-nos, beijávamo-nos, falávamos, ríamos. E se algum estava para baixo tentávamos levantar-lhe o ânimo. De qualquer maneira não podíamos ver uma companheira ou companheiro mal.

Não posso deixar de falar de algumas senhoras: as mais extrovertidas eram fantásticas!

A D. Beatriz, nova ainda, quiçá das mais novas nessa turma, era uma mulher que jamais vimos triste!

A D. Fernanda, que sempre ia acompanhada de seu marido: um empresário, já reformado que nunca deixava que D. Fernanda fosse sozinha.

A D. Maria, que também ia acompanhada de seu marido e quando nos dávamos conta estávamos todas a rir com as anedotas dele!

A D. Dina que era de Viana do Castelo, muito bonita e era mais um membro de um dos ranchos de Viana.

A D. Elisa de Barcelos, essa também ia sempre acompanhada do marido ou de algum filho. Essa mulher cada dia parecia um manequim, sempre muito bem vestida e de gorro ou chapéu. Até parecia ter acabado de vir de alguma passarela, isto todos os dias!

E tantas outras, todas disponíveis a ajudar.

Na casa de chá onde íamos comer e passar o resto do dia, todos os dias havia caras novas. Saíam duas ou três entravam, cinco ou seis.

Almoçávamos, lanchávamos e jantávamos todas juntas e depois, os condutores levavam-nos para a residência, onde tomávamos chá antes de ir para a cama dormir. Às vezes cantávamos os parabéns a algum doente que fazia anos. De manhã, tomávamos o pequeno-almoço e lá íamos para os tratamentos.

No corredor enquanto ninguém dormia, rezávamos, conversávamos, víamos televisão e até nos agarrávamos umas às outras a cantar e a dançar. Ríamos, era muito divertido!

Durante as tardes, umas vezes, íamos passear, outras vezes, íamos para a capela rezar o terço. E assim passávamos os nossos dias. Também passávamos algum tempo, no shopping ou na rua dando os nossos passeios.

A D. Amparo, a D. Luísa, a D. Zulmira, a D. Berenice, a D. Maria, a D. Amélia, eram tantas... que jamais acabaria...

A D. Maria da Conceição, que era de Barcelos, cada vez que nos encontrávamos, enquanto não nos chamavam para os tratamentos, a conversa não acabava jamais era como se fôssemos velhas amigas. Ela trazia peruca. Eu jamais quis tal coisa sempre assumi e andei sempre de cabeça ao ar. Quando saía tinha um gorro, ou um boné, ou um chapéu para tapar a cabeça que eu sentia muito frio na rua. Dentro de casa andava sempre de cabeça descoberta. Nunca gostei de andar com a cabeça tapada!

Tendo seguido todas as minhas consultas e exames correctamente e a sentir-me já bastante bem, no dia vinte e oito de Abril fui tirar o cateter. Assim, hoje conto com seis cirurgias: quatro com anestesia geral e duas com anestesia local.

Por agora, tudo está a correr bem comigo e a alegria e a vontade de viver é cada vez maior. Tenho de continuar a ir às consultas e fazer tudo o que o médico me mandar durante cinco anos. Tenho de tomar um comprimidinho, todos os dias, até completar os cinco anos. Comprimido a que todas demos o nome de pílula dos cinco anos e na brincadeira dizemos:

- “Só depois é que podemos engravidar!”.

Apesar de tudo o que passávamos, eu sinto falta e saudades das amigas que nos fiz.

Lembro-me da D. Penha, uma senhora que apesar da sua avançada idade, já com os seus oitenta e dois anos, era muito carinhosa e muito boa amiga, não podia estar longe de mim, ia fazer os tratamentos acompanhada das meninas, mas logo que chegava à casa do chá perguntava:

- “ Já chegou a D. Berta? Onde está a D. Berta eu quero que me ponham junto dela.”

Andava sempre comigo, sempre que estávamos na casa do chá era comigo que ela gostava de estar, mas nunca mais a vi e não sei se ainda está viva.

Todas essas pessoas maravilhosas deixaram-me marcas e saudades. Sempre me apeguei muito às pessoas. E vale a pena...quando se tem uma boa convivência.

O convívio com estas pessoas acabou por me dar força, coragem, ânimo e alegria. Apesar de me parecer que jamais ia conseguir seguir adiante, hoje posso dizer que segui com a minha vida para a frente.

E apesar do que passei, ainda tive coragem, força e ânimo para dar aos meus familiares. Essa é que é essa! E quando se ama de verdade, e se é amada como eu tenho sido amada por todos os meus familiares, tornamo-nos mais fortes, mais carinhosos, mais alegres, mais capazes de tudo.

Com esta experiência, posso dizer que sou a mesma pessoa, e ao mesmo tempo sou outra pessoa totalmente nova, totalmente diferente. Mas vejo tudo de uma forma diferente e com outros olhos. A doença tornou-me mais humana, tornou-me mais eu mesma, parece que dentro de mim desabrochou uma linda rosa.

Se eu tivesse poder, gostaria de ajudar pessoas, pô-las todas felizes e tirar-lhes as suas dores ou má disposição. Dessa maneira o nosso mundo seria alegre e feliz; acabaria com todas as maldades que existem no mundo, mas isso sei que só Deus o pode fazer. Mesmo assim, não me dou por vencida e peço a todas as pessoas que leiam este meu livro: leiam com atenção e procurem dentro de si próprios o melhor de cada um, no fundo de sua alma, de seu coração. Todos somos filhos de Deus. Muitas vezes os problemas da vida parecem muito maiores do que aquilo que são e impedem-nos de ver as coisas boas que ainda temos dentro de nós.

É preciso ter fé e não perder a esperança. Assim, como eu não perdi jamais. Ter fé faz-nos vencer a dor, olhar em frente com esperança. A fé dá-nos força para continuar a caminhada. Não ao Deus dará mas de alma lavada. A fé é a coragem dos que sofrem mas lutam com força para poder vencer. Que ninguém tenha medo de olhar o céu onde brilham as estrelas, um lindo e imenso véu cravejado de jóias belas!

Eu digo todos os dias esta pequena oração:

“ Senhor dai-nos a graça de sofrer amando-vos,

de vos amar sofrendo. E de um dia aspirar amando-vos,

E sentindo que vos amo.

Jesus tu és a nossa luz.

Jesus, Jesus, Jesus, enche-nos o coração.

A alma, o corpo, e a mente de alegrias, paz, amor, e luz.”

Quero falar aqui de algo que vi numa novela e que me fez chorar de verdade. Quando eu sempre fui tão forte!

“Havia uma senhora doente com a sua cabeça coberta com um lenço.”

Coisa que eu sempre encontrei bonito foi ver as colegas do hospital de lenço, apesar de eu, enquanto tive a minha calvície, jamais consegui trazer a minha cabeça tapada, a não ser quando ia para a rua porque estava frio e punha um gorro ou para o sol, e colocava um chapéu.

“Estando no quarto a descansar essa senhora e o marido a acabar de se arranjar. Ela estava muito triste. Mas, a senhora que não era tonta deu conta de que o marido estava muito triste e tentava esconder alguma coisa de sua esposa. Mas ela fez com que ele fosse para a cama ao seu lado. Ele não queria dizer o que se passava, mas acabou por confessar a verdade. Deitou a cabeça no colinho da esposa e choraram os dois, pois o médico tinha-lhe dito que a sua esposa não se salvaria. A quimioterapia não resultaria de nada.

Eles tinham um empregado que gostava muito da senhora que foi a uma igreja rezar. Ajoelhou-se diante do crucifixo e benzendo-se, começou a rezar como sabia: começou por pedir a Jesus pela salvação da sua senhora, da sua patroa. Pedia desta maneira: Jesus por tua boa vontade salva a minha senhora. Senhor basta uma palavra tua para salvar a senhora.”

Foi de tal maneira comovedora, a sua prece, que me fez chorar e olhar para trás para o que também me tinha acontecido. Então chorei como uma madalena! E dei-me conta de tanto o por esta doença já tinha feito passar, todo o sofrimento.

Mas sai adiante e tenho assim vivido um dia de cada vês. Eu sei que as coisas agora já não são tabu, e isso é muito bom. Desde sempre houve tabus, logo vinham os problemas, as doenças e era tudo muito complicado. Agora não, alegro-me de que se fale de tudo abertamente. E digo isso por experiência e ninguém tem o direito de esconder um problema, uma doença. Quanto mais abertamente se falar do problema, da doença, melhor para todos, pois todos temos o direito, de saber de tudo. E assim desta maneira todos enfrentamos tudo muito melhor e estamos mais prevenidos para enfrentar qualquer problema e isso é muito bom.

Não esqueçam, falem abertamente de tudo, que isso só vai ajudar, não só a quem tem a doença, mas também para quem está à sua volta. Vivam de cabeça erguida, sigam sempre em frente. Numa palavra: Sejam felizes até na doença.

Agora quero falar da viagem que fiz a Fátima para agradecer tal graça, tal bênção a Nossa Senhora. No meu lugar preferido de Portugal.

Tive o privilégio de ir em peregrinação com outros doentes e muitos deles vão todos os anos. Foi bom ir a essa viagem. Estivemos sempre todos contentes, cantando, rezando e convivendo uns com outros, foi lindo! Agradecer à Mãe do céu por tudo que, através dela, nos tem sido dado. Assistimos a missas, ao terço, à procissão das velas.

Dormimos e comemos na casa de S. Marta. Também conhecemos uma senhora que se despediu de nós, vendendo um dos seus livros, de sua autoria, cantando para nós umas

lindas canções, ou melhor, dois fados lindos. Que voz, que pulmões, fiquei de queixo caído! O nome dela era Fátima.

Quero falar também do museu novo onde mostram a vida de Cristo ao vivo, ou melhor como se fosse ao vivo. Agora já estou com vontade de voltar a Fátima, não só visitar Nossa Senhora, mas também ver novamente o museu da vida de Cristo, contando ninguém acredita! Não há palavras para explicar! É impressionante, parecia que as figuras estavam a olhar para o mais íntimo do nosso coração, o mais profundo da nossa alma! As figuras, os olhares das figuras ficam gravadas em cada uma das pessoas! Eu por mim falo, não me cansava de andar naquele museu. Aconselho a todos que vão a Fátima: não deixem de visitar este lindo museu.

Como falo ao longo de todo este livro, quero que todas as pessoas do mundo sejam felizes, nas suas doenças e nos seus sofrimentos. Tudo isto que escrevi neste livro é pura verdade. Nos nossos sofrimentos sempre podemos ser felizes, alegres e viver no nosso dia-a-dia, com muita força, coragem, mas sem esquecer que Deus existe.

Não se esqueçam, que Deus, Nossa Senhora, os anjos e todos os santos estão ai dispostos a ajudar-nos, sempre. A nossa fé pode mover montanhas, pode salvar-nos. Sejam todos felizes é o que espero de todos, e é o que Deus quer de todos nós.

A roda vai rodando, e todos aqueles que vai apanhando, é aos que lhes vai tocando, são os que vão sofrendo, uns de uma maneira outros de outra.

Por outro lado, Deus, vai-nos dando provas daquilo que nós somos capazes de fazer, em nosso sofrimento. Somos nós que merecemos tais castigos, ou será que não há mais volta a dar? Mas eu quero acreditar, e acredito que quando nos chega qualquer sofrimento, é porque temos de passar por determinada provação. Nós não mandamos, temos de aceitar aquilo que Deus quer. É duro, é triste, dói demasiado, mas temos uma vida a seguir e não podemos olhar para trás: sempre em frente, cabeça erguida.

Boas acções é o mais bonito que todos devemos fazer até que a nossa hora chegue e devemos pensar que nós não somos donos das nossas vidas. Devemos aceitar as coisas como elas nos vão chegando.

É aceitar!

III

Mensagens de Força

Deixai cantar quem canta,
Não se riam de quem chora.
Pode a roda desandar,
E chorardes na mesma hora.

(Poema da autora)

O meu objetivo ao escrever este livro é o de poder dar testemunho da minha própria experiência e com tudo isto poder dar força e coragem a todas as pessoas que poderão passar pela mesma experiência que eu passei.

Viver o presente

Senhor, dia após dia,
Instante após instante,
Eu redijo o romance da minha vida.

Concede-me que eu viva
O mais possível
Em plenitude cada instante.
Não quero isso me angustie
Mas que me dê o desejo
De não desperdiçar a minha vida.

Cada instante é uma gota de união contigo.
Eu não vivo passado nem futuro
Mas vivo este momento.
E se estou unida a ti tenho tudo.
Cada instante que me dê
Nunca mais me será dado novamente.
Todos temos o nosso dia, a nossa hora marcada.
O grito e a esperança

(Dia 11 do mês de Fevereiro celebra-se o dia mundial do doente. Mais uma vez somos confrontados com o mistério do sofrimento. Todas as pessoas, instintivamente, lutam contra o sofrimento e temem que ele lhes bata à porta, sobretudo quando se trata de uma doença grave.)

Gritar o sofrimento

A melhor atitude consiste em voltar-se para Deus e gritar.

«Meu Deus, meu Deus, porque me abandonastes?

Como estais longe da minha oração, das minhas palavras do meu lamento?

Clamo de dia e não me respondeis, clamo de noite e não prestais atenção».

É, pois, normal, que o doente grite por socorro, na certeza de que Deus está próximo e escuta os seus filhos. Ele está muito perto dos corações abatidos preciosos a seus olhos.

(Revista Rosário de Maria)

A firme esperança

Uma outra atitude consiste em manter sempre firme a esperança na vitória da vida.

Esta esperança é uma força que ajuda o doente a lutar com todas as forças por recuperar a saúde. Deus cada vez que alguém consegue vencer a doença.

Sabemos isto porque Jesus, na sua vida pública, compadecia-se dos doentes e curava-os dos seus males.

E nas situações em que a doença é terminal?

É também que a esperança deverá ser mais firme. E se ele ressuscitou, também Deus, pelo poder, nos dará uma vida nova e feliz.

(Revista Rosário de Maria)

Depende de ti

Esta manhã, ao acordar, desejei ter um bom dia.

Meditei e vi que isso dependeria muito de mim.

Hoje posso queixar-me porque está um dia de chuva, ou posso dar graças a Deus porque as plantas são regadas.

Hoje posso sentir-me triste porque o dinheiro é pouco, ou simplesmente fazer só os gastos necessários.

Hoje posso queixar-me da minha dor de cabeça, ou louvar a Deus porque ainda me mentem com vida.

Hoje posso chorar porque as rosas têm espinhos, ou alegrar-me porque os espinhos têm rosas.

Hoje posso queixar-me porque tenho de trabalhar, ou alegrar-me porque tenho emprego.

Hoje posso olhar para as pessoas como objectos, ou respeitar a sua dignidade e divina.

Hoje posso ser um optimista que vê tudo negro, ou ser um optimista que vê o lado positivo da vida.

Hoje posso ser um gerador de conflitos com toda a gente, ou optar por um construtor de paz e amor.

Hoje posso nada fazer pela felicidade dos outros, ou praticar uma ou mais boas acções.

Hoje posso viver como Deus não existisse, ou viver com os pés na terra e o pensamento em Deus.

Cada dia que nasce apresenta-se como uma página em branco.

Ser um dia mau ou bom, isso dependerá de mim.

E também de ti!

(Revista Rosário de Maria)

A verdadeira Fé

A verdadeira fé cristã não é uma ideologia ou uma crença religiosa. É uma opção pessoal livre, uma adesão a um Deus pessoal que se apresenta e se revela como Pai e Senhor, e oferece uma aliança de amigo, traduzida em comunhão e fidelidade a ele e na aceitação activa dos irmãos, concretizada numa vida de fé e segundo a fé.

O crente é um convertido que acolhe e restabelece uma corrente de vida com Cristo ressuscitado que o anima e lança para a vida de trabalho, de alegria, de diálogo e de participação comunitária na igreja e no mundo, distinguindo o bem e o mal, empenhando-se pessoal e responsabilmente nas tarefas mais urgente

(Revista Rosário de Maria)

Mãe que não falha

Seja Nossa Senhora de Fátima, seja Nossa Senhora da Consolara, Nossa Senhor da Assunção, Nossa Senhora da Conceição, ou outra, Maria de Nazaré, a Mulher dos nomes sem fim, é a Mãe de Deus, a Mãe de Jesus, a Mãe da Igreja, a Mãe de cada um de nós, a alegrar-se com as nossas alegrias e a entristecer-se com as nossas tristezas.

Ela é a Virgem Universal que, aberta ao infinito, num acto de fé e liberdade, disse a Deus faça-se no supremo encontro da vontade de Deus com vontade humana.

É a Mãe que nos protege e guia pelos caminhos do bem.

A Igreja Católica, em acção apostólica, cristianizadora e evangelizadora, invoca-a e

Louva-a também como Nossa Senhora das dores, a cheia de graça de compaixão pelos pobres pecadores.

Por Ela passou a dor do seu Filho Jesus, flagelado, crucificado e morto por causa dos nossos pecados.

Por Ela passaram e passam ainda hoje as dores dos filhos que Jesus lhe entregou na hora da cruz.

Por Ela passa o sofrimento do mundo que as suas lágrimas lavam, purificam e convertem em pedaços de vida e santidade.

Em parceria com Jesus, muito empenhada na nossa salvação, Maria de Nazaré é a Mãe que não falha.

Sempre certa, a cada filho cura as feridas e salva da morte que o pecado origina a

(Revista Rosário de Maria)

Senhor Fica Comigo

Senhor fica comigo durante este dia, e guia os meus pensamentos e desejos, as minhas acções e os meus projectos.

Guia os meus passos para que caminhem ligeiros ao encontro dos cansados e desanimados.

Guia as minhas mãos para que acompanhem aqueles que se perderam no caminho.

Abre os meus braços, para que eu possa abraçar os que se sentem sós e sem esperança.

Ilumina os meus olhos e torna os meus ouvidos atentos ao clamor dos meus irmãos.

Dá-me um coração terno, capaz de amar sem distinção.

Pai-nosso deposito na tua protecção o meu descanso e o de todos os meus amigos e entes queridos.

Coloco em tuas mãos a nossa terra, as nossas cidades, o nosso mundo tão retalhado pela violência, pelas injustiça...

Ilumina, Senhor, a mente e o coração dos poderosos da terra.

Que eu possa sempre, com a tua graça, abrir as mãos para partilhar o que sou e o que tenho e com a tua ajuda possa ver aparecer a aurora de um mundo novo.

(Revista Rosário de Maria)

Depende de ti

Esta manhã, ao acordar, desejei ter um bom dia.

Meditei e vi que isso dependeria muito de mim.

Hoje posso queixar-me porque está um dia de chuva,

Ou posso dar graças a Deus porque as plantas são regadas grátis.

Hoje posso sentir-me triste porque o dinheiro é pouco, simples mente

Fazer só os gastos necessários.

Hoje posso queixar-me da minha dor de cabeça, ou louvar a Deus

Porque ainda me mantém com vida.

Hoje posso chorar porque os espinhos, ou alegrar-me porque

Os espinhos têm rosas.

Hoje posso queixar-me porque tenho de trabalhar, ou alegrar-me porque tenho emprego.

Hoje posso olhar para as pessoas como objectos, ou respeitar a sua dignidade

Humana e divina.

Hoje posso ser um gerador de conflitos com toda a gente, ou optar por ser um construtor de paz e amor.

Hoje posso nada fazer pela felicidade dos outros, ou praticar uma ou mais boas acções.

Hoje posso viver como Deus não existisse, ou viver somos pés na terra e o pensamento em Deus.

Cada dia que nasce apresenta-se um dia mau ou bom, isso dependerá de mim. E também depende de ti!

(Revista Rosário de Maria)

Sorria!

Que aborrecimento! Na escola, os meus filhos são sempre os últimos da lista.

O rapaz chama-se Zeferino e a rapariga é Zulmira.

Eu não tenho esse problema. Dei aos meus filhos nomes que começam pelas Primeiras letras do alfabeto. É o Anrique, o Bicente e o Çabastião.

Imagina que a casa onde estive hospedado tinha umas paredes tão frágeis, Que ouvia o vizinho do quarto do lado, sempre que mudava de posição. Pois a casa onde eu fiquei tinha paredes tão finas, que ouvia o vizinho do Quarto, sempre que mudava de ideias.

Um casal chega à cidade e o dinheiro é pouco. Ao descerem do comboio,

Ele pergunta à mulher:

Sabes qual é a diferença entre um autocarro e um táxi?

Não.

Então vamos de autocarro.

A cozinheira foi despedida. Alguém perguntou-lhe:

Levas saudades de alguém?

Sim, levo saudades do gato, que me ajuda a limpar os pratos.

O juiz para o réu:

O Senhor, no momento do roubo,

Não pensou na filha?

Pensei, senhor doutor juiz.

Mas na loja só havia roupa para homem!

(Revista Rosário de Maria)

Bom dia. Dormiu bem esta noite?

Muito mal. Durante toda a noite não consegui fechar um olho.

Então a culpa é sua.

Para dormir, é preciso os dois.

(Revista Cruzada)

Deus diz

Tu dizes: isso é impossível

Deus diz: tudo é possível

Tu dizes: Eu já estou cansado

Deus diz: Eu te darei o repouso

Tu dizes: ninguém me ama de verdade

Deus diz: Eu amo-te

Tu dizes: Não tenho condições

Deus diz: Minha graça é suficiente

Tu dizes: Não vejo saída

Deus diz: Eu guiarei os teus passos

Tu dizes: Eu não posso fazer

Deus diz: Você pode fazer tudo

Tu dizes: Estou angustiado

Deus diz: Eu te livrarei da angústia

Tu dizes: Não val a pena

Deus diz: Tudo val a pena

(autoria de Berta Almeida)

Fé

Ter fé no criador
Faz-nos vencer a dor
Olhar em frente e seguir
Com esperança no porvir.
A fé, força nos dá
Para continuar a caminhada
Não ao deus dará
Mas de alma lavada
A fé é a couraça
Dos que sofrem
Mas lutam com força
E com ânimo vencem.
Não temas olhar o céu
Onde brilham as estrelas
Um lindo e imenso véu
Cravejado de jóias belas.

(autoria Berta Almeida)

Ó espírito Santo

Ó Espírito Santo,
Amor do Pai e do Filho.
Inspirai-me sempre
O que devo pensar,
O que devo dizer;
O que devo calar,
O que devo escrever,
Como devo agir,
O que devo fazer,
Para obter a vossa glória,
O bem das almas,
E a minha própria santificação.

(autoria Berta Almeida)

A Verdadeira Fé

A verdadeira fé cristã não é uma ideologia ou uma crença religiosa.

É uma opção pessoal livre, uma adesão a um Deus pessoal que se apresenta e se revela como Pai e Senhor, e oferece uma aliança de amigo, traduzida em comunhão e fidelidade a Ele e na aceitação activados meus irmãos, concretizada numa vida de fé e segundo a fé.

O crente é um convertido que acolhe e restabelece uma corrente de vida com Cristo ressuscitado que o anima e lança para a vida de trabalho, de alegria, de diálogo e de participação comunitária na Igreja e no mundo, distinguindo o bem e o mal, empenhando-se pessoal e responsabilmente nas tarefas mais urgentes.

(Revista Rosário de Maria)

Fica comigo

Senhor fica comigo durante este dia, e guia os meus pensamentos e desejos, as minhas acções e os meus projectos. Dá a todos força, coragem para seguir em frente.

Guia os meus passos para que caminhem ligeiros ao encontro dos cansados e desanimados.

Guia as minhas mãos para que acompanhem aqueles que se perderam no caminho.

Como eu gostaria de ter algum poder e dar ajuda necessária aos que a necessitam; e aos que andam por caminhos errados. Corrigir os que 345.....

Abre os meus braços, para que eu possa abraçar os que se sentem sós e sem esperança.

Ilumina os meus olhos e torna os meus ouvidos atentos ao clamor dos meus irmãos.

Dá-me um coração terno, capaz de amar sem distinção. Dai-me uma alma pura capaz de mudar o mundo.

Pai-nosso deposito na tua protecção o meu descanso e o de todos os meus amigos e entes queridos. Eu gostaria de ajudar, e todos poder salvar.

Coloco em tuas mãos a nossa terra, as nossas cidades, o nosso mundo tão retalhado pela violência, pelas catástrofes, pelas guerras e pelas injustiças... dai-nos a paz.

Iluminai, Senhor, a mente e o coração dos poderosos da terra. E dai-lhes o poder de acabar com as guerras.

Quem poderá corrigir o mundo, acabar com a má administração dos nossos governantes, e que a ninguém falta-se o pão em sua mesa.

Acabar com todas as dificuldades que todos temos em todo mundo.

Que eu possa sempre, com a tua graça, abrir as mãos para partilhar o que soube o que tenho e com a tua ajuda possa ver aparecer a aurora de um mundo novo. De um paraíso.

Obrigado, Senhor, ámen!

(autoria de Berta Almeida)

Semeia

Semeia a tua fé para sustentares e apoiares os que vacilam,
Semeia a tua abnegação. Não te todo inteiro para ti,
Semeia a tua confiança. O Senhor está contigo,
Semeia o teu sorriso. Faz o bem,
Semeia a tua doçura e conquistarás as almas,
Semeia a tua simpatia, fruto da bondade e da benevolência,
Semeia inclusivamente com lágrimas para que recolham com alegria,
Semeia a tua amizade nos que precisam dela,
Semeia o teu gozo, tornando felizes os outros,
Semeia o teu entusiasmo sem cansaços prematuros,
Semeia e saboreia a sós contigo os teus sacrifícios,
Semeia a tua vida, gastando-a ao serviço do próximo,
Cumprindo o teu dever no lugar onde Deus te colocou.
E eleva para Deus todas as pessoas que se aproximarem de ti.
Semeia a paz e o amor no mundo.

(Revista Rosário de Maria)

Viver o presente

Senhor, dia após dia, instante após instante,

Eu redijo o romance da minha vida

Escrevo-o para a eternidade.

Concede-me que eu viva o mais possível

Em plenitude cada instante.

Cada instante que me dê nunca mais me será

Dado novamente.

Não quero que isso me angustie, mas que me será

O desejo de não desperdiçar a minha vida.

E nela poder realizar os meus sonhos.

Cada instante é uma gota de união contigo.

Eu não vivo o passado nem o futuro mas vivo este momento.

E se eu estou unido a ti tenho tudo.

(Revista Rosário de Maria)

Diálogo

Criar espaços para o diálogo, consiste em aprender a colocar a palavra no seu devido lugar:

Saber dizer o que sou, aprender a ouvir, dar valor à palavra e saber confortá-la com a vida

E transformá-la em a vida.

A palavra é uma espécie de síntese da herança, síntese daquilo que quero transmitir com a vida.

A palavra tende sempre para o diálogo: é algo vivo, porque põe em acção a verdadeira comunicação entre as pessoas. Qualquer palavra leva consigo a marca da eficácia.

Quando uma palavra sai da minha boca, produz sempre algum efeito e ela é realmente palavra, porque é aceite pelo tu. Não há palavra sem receptor.

\ A palavra é viva e eficaz/ pois participa das qualidades do próprio Deus; diz e faz; anuncia e traz; ensina e anima, ilumina e fortalece.

\ Por terdes dito tudo isto, Eu farei com que a minha palavra seja fogo/ na tua boca, que consumirá este povo como lenha/ Temos que oferecer palavras e os diálogos têm que estar repletos de palavras de vida; palavras fortes, que entusiasmem. S. Alberto Magno disse: Precisamos ser alimentados com frequência pela doçura da palavra de Deus/.

Quando houver confiança entre uns e outros, chegará o momento de partilhar o Evangelho. Mas este percurso é muito longo, porque a nossa cultura contemporânea de maneira sistemática a suspeita: o que é que há, por detrás daquilo que aquele está a dizer?

É claro que a suspeita corrói a fraternidade e mata a palavra.

\ Se somos gente que habitualmente oferece palavras que sufocam, que arruinam e destroem, por muito inteligentes e eruditos que sejamos, nunca seremos pregadores/.

A nossa palavra tem que ser fértil, tem que ser nova. Tem que dar bons frutos.

Esta palavra aprende-se no silêncio que nasce o verdadeiro diálogo, porque estamos tranquilos.

(Revista Rosário de Maria)

Oração

Senhor nosso Deus, concedei-nos a graça
De encontrar sempre a alegria no vosso
Serviço, porque é uma felicidade
Duradoira e profunda ser fiel
Ao autor de todos os bens.
Por nosso Senhor Jesus
Cristo, vosso Filho, que é
Deus convosco, na unidade
Do Espírito Santo. Ámen.

(Oração da autoria de Berta Almeida)

A chama do amor Vivo

Esta chama de amor vivo,
diz tudo é querer viver,
seguir em frente,
e não se deixar abater.
Este é o seu significado.

(Autoria de Berta Almeida)

A luz da Nossa esperança

A Mãe do Amor Formoso,
A embalar-nos nesta bonança!
Terna Mãe, Senhora
Nossa Doçura,
Caminho e vida!
Neste rio de vale de lágrimas,
Em ti, a paz e harmonia
Ao teu coração Maternal,
Recorremos sem César
Rogai por nós pecadores!
Neste nosso peregrinar
Ó rosa, já hoje em dia,
Quem mais faz menos merece!
Deus do céu que nos conhece.
Tu chamas amor-perfeito
Às coisas que a cria

Amor-perfeito há só um
Filho da Virgem Maria
Quem quiser amar a Deus

(Autoria de Berta Almeida)

Não diga que não ao tempo

Com Jesus no pensamento
Tudo o que for verde seca

Vindo o rigor do verão;
Tudo no mundo se acaba
Só a graça de Deus não

Que a fé em Cristo e
Ressuscitado dê mais cor
E mais sentido à nossa vida.

-Se me disseres que me
Amas, acreditarei.

Mas se escreveres que me amas,
Acreditarei ainda mais.

-Se me falares da tua saudade, entenderei,
Mas se escreveres sobre ela,
Eu a sentirei junto comigo.

-Se a tristeza vier a te consumir e me contares,
Eu saberei, mas se a descreveres no papel,

O seu peso será melhor.

-E assim são as palavras escritas,

Possuem um magnetismo especial, libertam,
Acalentam, invocam emoções.

-Elas possuem a capacidade

De em poucos minutos cruzar mares,

Saltar montanhas,

Atravessar desertos intocáveis.

-Muitas vezes, infelizmente, perde-se o autor,

Mas a mensagem sobrevive ao tempo,

Atravessando séculos e gerações.

As palavras sempre ficam!

Elas marcam o momento que ser

Eternamente revivido por todos aqueles que as lerem.

-Viva o amor com palavras faladas e escritas,

Mate saudades, peça perdão.

-Insinue-se, alegre a alguém,

Ofereça um “bom dia,”

Faça um carinho especial.

-Use a palavra a todo o instante, de todas as maneiras

Sua força é imensurável.

Lembre-se sempre do poder das palavras.

-Quem escreve constrói um castelo,

E quem lê passa a habitá-lo.

Virgem santa, intercedei por nós.

É da vossa luz que nós necessitamos.

(Revista Rosário de Maria)